



## IMBRICAÇÕES ENTRE RELIGIÃO, FEMINISMO, MIGRAÇÃO E TRADICIONALISMO GAÚCHO: UMA ANÁLISE A PARTIR DO FEMINISMO LUTERANO NO BRASIL

IMBRICATIONS BETWEEN RELIGION, FEMINISM, MIGRATION AND GAUCHO TRADITIONALISM: AN ANALYSIS FROM THE LUTHERAN FEMINISM IN BRAZIL

Joyce Aparecida Pires\*

**Resumo:** O artigo trata – numa perspectiva diacrônica – das questões das agências e condições assumidas por mulheres na Igreja, mais especificamente através da análise das imbricações entre religião, feminismo, migração alemã e tradicionalismo gaúcho e as implicações das articulações de mulheres e teorias feministas na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB). Realizamos a análise atravessando questões como o processo da hegemonia gauchesca no Rio Grande do Sul, representações de branquitude e gênero, imigração alemã e constituição de um ideário nacional/regional nas práticas luteranas. Como conclusão, argumentamos que não é possível compreender os processos reformadores das mulheres em Igrejas históricas apenas como relativo exclusivamente à vida religiosa. As mudanças também passam por questões culturais e sócio-históricas que constituem os tipos de agência realizadas pelas mulheres.

**Palavras-chave:** Religião. Feminismo. Luteranismo. Migração. Tradicionalismo.

**Abstract:** The article deals – from a diachronic perspective – with the issues of agencies and conditions assumed by women in the Church, more specifically through the analysis of the overlap between religion, feminism, German migration and Gaucho traditionalism and the implications of the articulations of women and feminist theories in the Evangelical Church of Lutheran Confession in Brazil (IECLB). We carried out the analysis by going through issues such as the process of Gaucho hegemony in Rio Grande do Sul, representations of whiteness and gender, German immigration and the constitution of a national/regional ideology in Lutheran practices. In conclusion, we argue that it is not possible to understand the reforming processes of women in historic Churches as exclusively relating to religious life. The changes also involve cultural and

\* Doutora em Ciências Sociais, mestra e graduada em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista, UNESP. É membra do grupo de pesquisa Cultura & Gênero: laboratório interdisciplinar de estudos de gênero, LIEG (UNESP/CNPq). Trabalha na área da educação como professora polivalente na Secretaria da Educação da cidade de Assis, SP. E-mail: cravinajoyce@gmail.com



socio-historical issues that constitute the types of agency carried out by women.

**Keywords:** Religion. Feminism. Lutheranism. Migration. Traditionalism.

## INTRODUÇÃO

Nas últimas cinco décadas no Brasil as mulheres, no âmbito das religiões institucionalizadas, vêm realizando um processo de conquista de posições de relevância política em espaços de tomada das decisões importantes no âmbito público e interno das Igrejas. Este é um movimento que vem ocorrendo numa direção contrária a uma tendência muito comum às Igrejas históricas no contexto brasileiro, latino-americano, que é o de apresentar uma maior resistência ao protagonismo feminino. Resistência esta que se estende aos mais diferentes tipos de Igrejas cristãs, onde as dificuldades que as mulheres encontram para exercer uma cidadania eclesiástica são as mais diversas.

As mulheres têm um passado de longa duração na história do cristianismo originário, os antecedentes da sua exclusão das esferas de poder, decisão e realização dos rituais decorre desde o início da era cristã. Segundo a historiadora Joyce Salisbury “[...] as mulheres celibatárias independentes [...]” ameaçavam o poder patriarcal, “[...] na medida em que perturbavam sua compreensão dos papéis sociais dos sexos e da própria sexualidade [...]”<sup>1</sup>. No campo da antropologia Fabíola Rohden afirma em seus trabalhos que as mulheres protestantes e católicas têm percebido as desigualdades no contexto contemporâneo<sup>2</sup>. Inserido nas discussões sobre feminismo cristão evangélico, nesse artigo analisamos a questão das conquistas de espaços e de cidadania eclesiástica das mulheres a partir do caso da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB)<sup>3</sup>. Articulamos esta análise com os papéis que o tradicionalismo gaúcho (Movimento Tradicionalista Gaúcho, MTG) e a migração alemã no Sul do Brasil ocupam nesse processo por conquistas.

<sup>1</sup> SALISBURY, Joyce E. **Pais da Igreja, virgens independentes**. São Paulo: Página Aberta, 1995. p. 17.

<sup>2</sup> ROHDEN, Fabíola. Feminismo do sagrado: uma reencenação romântica da diferença. **Estudos feministas**, 1996, p. 98. ROHDEN, Fabíola. Catolicismo e protestantismo: o feminismo como uma questão emergente. **Cadernos pagu** (8/9), 1997, p. 53.

<sup>3</sup> As reflexões deste artigo foram extraídas da minha tese de doutorado “Nunca é feminista o suficiente”: mulheres e feminismos na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. (Tese de doutorado). Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais. Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, 2023, 139 pp. A pesquisa foi realizada com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processo nº 2019/15544-0.

O tradicionalismo gaúcho é um movimento cuja origem se remete aos integrantes da Sociedade Partenon Literário, fundada em 1868 por intelectuais em Porto Alegre<sup>4</sup>. Seus integrantes buscavam disseminar a concepção de influência da terra no caráter dos indivíduos, sobretudo, nos homens, com o chamado telurismo e recuperar a tradição oral pertencente aos habitantes do Sul do Brasil<sup>5</sup>. Trinta anos depois, a primeira organização tradicionalista é criada – o Grêmio de Porto Alegre –, cuja função era organizar e promover festas, atividades ligadas ao culto da tradição e palestras.

A próxima data que marca este movimento é 1948, em meio século depois da criação da primeira agremiação, o primeiro Centro de Tradições Gaúchas (CTG), é criado e inspirado também em Porto Alegre<sup>6</sup>. O movimento, deste então, se expandiu consideravelmente dentro do estado e em quase todo o Brasil. Segundo Letícia Borges Nedel, o tradicionalismo gaúcho está “[...] Situado em uma perspectiva de ‘longa duração’ do processo de construção de práticas e valores associados à heterogeneidade cultural sulina [...]”,<sup>7</sup> e o sucesso do MTG foi tal que em 1954 ele foi institucionalizado e oficializado como cultura regional do Estado do Rio Grande do Sul. Um conjunto de leis oficializaram a Semana da Farroupilha e vários outros elementos como pertencentes ao que seria uma tradição gaúcha – marca identitária do Rio Grande do Sul –, onde se destacam particularidades como, por exemplo, o estabelecimento da chamada pilcha como traje de honra do homem gaúcho<sup>8</sup>. Além da sua presença na arena política e cultural, assim como das pessoas que se identificam com o gauchismo nesse contexto, os elementos do MTG também foram inseridos nas religiões de matriz cristã, com o surgimento da missa crioula no contexto católico, onde a “[...] primeira prenda do céu [...] é vinculada à Virgem Maria<sup>9</sup>. No contexto luterano, por sua vez, destaca-se o surgimento do chamado culto campeiro<sup>10</sup>.

<sup>4</sup> JACKS, Nilda. **Mídia Nativa: indústria cultural e cultura regional**. 3. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2003, p. 29.

<sup>5</sup> ZILBERMAN, Regina. **Literatura gaúcha**. Porto Alegre: LP&M, 1985, p. 21.

<sup>6</sup> O CTG, inaugura “[...] um processo de progressiva patrimonialização da memória local [...]” do RS. NEDEL, Letícia Borges. Entre a beleza do morto e os excessos dos vivos: folclore e tradicionalismo no Brasil meridional. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 31, n. 62, 2011, p. 210.

<sup>7</sup> NEDEL, 2011, p. 209.

<sup>8</sup> OLIVEN, George Ruben. **A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-Nação**. Petrópolis: Vozes, 1992, p. 86.

<sup>9</sup> OLIVEN, 1992, p. 33.

<sup>10</sup> Site oficial da IECLB: [https://www.luteranos.com.br/conteudo\\_organizacao/planalto-rio-grandense/iii-culto-campeiro-em-comunidade-sao-joao-ieclb-igreja-evangelica-de-confissao-luterana-no-brasil](https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/planalto-rio-grandense/iii-culto-campeiro-em-comunidade-sao-joao-ieclb-igreja-evangelica-de-confissao-luterana-no-brasil); <https://www.luteranos.com.br/conteudo/culto-campeiro-com-batizado>

A primeira onda imigratória alemã para o Rio Grande do Sul teve início em 1824. Ela foi seguida de uma segunda onda, ainda mais marcante, no final do século XIX, no contexto do fim da Monarquia e início da República no Brasil. Tanto o MTG, quanto a migração alemã no território brasileiro, são vistos como elementos sociais, culturais e históricos importantes na formação da sociedade rio-grandense. Como veremos nesse artigo, em um dado momento MTG e migração alemã se encontram, se articulam e, em dado momento – no contexto dos migrantes alemães e seus descendentes –, convergem. Por conseguinte, essa conversão, termina por se fazer presente na realidade cultural religiosa luterana no Brasil.

A Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil é tanto a principal representante do luteranismo no Brasil, quanto sua origem pode ser atribuída à chegada dos imigrantes europeus no Rio Grande do Sul<sup>11</sup>. Imigrantes protestantes alemães, suíços, austríacos, suecos, entre outros, formaram as primeiras comunidades luteranas no Sul do Brasil<sup>12</sup>. Dentro de uma política de valorização da mão-de-obra branca, o Governo brasileiro estimulava esses imigrantes a colonizar a região, defender as propriedades e o território. A valorização do território nacional brasileiro se deu, especialmente, com a participação dos homens imigrantes alemães nos conflitos e guerras ocorridas no Sul, em particular na Revolução Farroupilha (1835-1845).

A Proclamação da República (1889), com o início de um movimento em direção a uma maior liberdade religiosa no país contribuiu para esse processo de unificação de diferentes comunidades luteranas no Brasil<sup>13</sup>. A unificação da Alemanha favoreceu, no Sul do Brasil, a promoção de atividades associativistas dos grupos religiosos de vertentes protestantes, particularmente teuto-brasileiros, a partir dos serviços assistencialistas locais. Campo de trabalho esse em que as mulheres tiveram maior destaque. Foi nesse período que chegaram as primeiras mulheres protestantes

---

<sup>11</sup> <https://www.luteranos.com.br/conteudo/a-caminho-em-terras-brasileiras>

<sup>12</sup> Durante as primeiras décadas da imigração, não havia uma organização eclesiástica a congregar todos os grupos imigrantes protestantes luteranos. Para isso contribuiu o fato de que durante a Monarquia práticas da fé religiosa não católica encontravam resistência, a Igreja Católica era a oficial do Estado e havia a tendência em se proibir a realização dos cultos não católicos. Contudo, com o apoio da Igreja Luterana Territorial da Alemanha, desde o final do século XIX foram ocorrendo vários sínodos que buscavam congregar as diferentes comunidades luteranas do Brasil. Pode-se considerar que o corolário dessas sucessões de sínodos foi o surgimento da IECLB em 1968, com sua sede sendo estabelecida em Porto Alegre, RS.

<sup>13</sup> A instalação de pastores alemães e suas famílias para a realização de serviços religiosos passou a acontecer com maior intensidade e com menores barreiras, articulada em sincronia com a unificação da Alemanha.



diaconisas e profissionalizadas para atenderem a saúde das mulheres colonas, principalmente na realização dos partos, além do acentuado interesse das famílias imigrantes pela educação dos seus filhos e outras necessidades particulares dessas comunidades<sup>14</sup>. Desta maneira, combinaram três dimensões que fundaram o trabalho diaconal na IECLB, constituído por ministério, profissão e comunhão. Hoje, a Irmandade da Casa Matriz de Diaconisas e a Comunhão Diaconal (COD) oferecem apoio as pessoas membras da igreja<sup>15</sup>.

No que se refere a esse processo de ampliação da liberdade religiosa e culto no Brasil, no início do século XX observa-se a chegada de missões evangélicas – notadamente pentecostais – vindas dos Estados Unidos. Pode-se atribuir a esse movimento missionário norte-americano no Brasil a chegada do luteranismo de missão estadunidense, que dará origem à Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB). Citar a IELB quando falamos da IECLB termina sendo algo importante, porque as duas atuam em uma posição muito próxima dentro do campo religioso brasileiro, sendo que, contudo, a IELB é uma Igreja com posições e ações marcadamente mais conservadoras que as adotadas pela IECLB<sup>16</sup>. Confrontando essas duas Igrejas a IECLB é claramente mais progressista que sua irmã alemã, mas de origem norte-americana. Uma importante diferença, de nosso interesse, é que a IELB não aceita a ordenação de mulheres, apesar de recentemente existirem mulheres na diaconia.

É possível notar que diversas líderes, pastoras e teólogas da IECLB buscam abertamente promover um maior protagonismo de mulheres nesta Igreja. Em diferentes momentos e espaços elas discutem, elaboram e difundem, por meio das suas comunidades religiosas, a formação teológica das mulheres e os movimentos transnacionais para a ampliação da chamada justiça de gênero em programas de inserção da IECLB e a partir das ações da Federação Luterana Mundial (FLM)<sup>17</sup>.

---

<sup>14</sup> BRAKEMEIER, Ruthild. **Um ramo na videira**: a Casa Matriz de Diaconisas. São Leopoldo/RS: Sinodal, 2019, p. 24.

<sup>15</sup> OLIVEIRA, Dionata Rodrigues. As contribuições da coordenação de diaconia para o desenvolvimento da práxis diaconal da igreja evangélica de confissão luterana no Brasil: seminários nacionais e publicações. (Dissertação de mestrado), Programa de Pós-graduação em Teologia, Faculdades EST, São Leopoldo, 2020, p. 14.

<sup>16</sup> Este fato de a IECLB ser mais progressista e o posicionamento das mulheres dentro desta Igreja, ajudam a compreender melhor algumas das formas como se dão as conquistas por maior espaço de ação, cidadania eclesial e protagonismo feminino numa Igreja cristã.

<sup>17</sup> <https://www.lutheranworld.org/>



Ao mesmo tempo observamos que isto se dá, também, através de negociações com o contexto sociocultural onde as comunidades religiosas dessa Igreja se inserem. Observamos, por exemplo, que nos interstícios históricos e sociais da formação da IECLB e sua membresia – como seus vínculos originários com o contexto rio-grandense –, há uma relação de coexistência e complementaridades parciais com visões de mundo, símbolos e práticas ligadas não só à sua origem imigratória alemã e depois, com a migração sulista no território brasileiro, mas também, com o Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG). Observamos em trabalho empírico nos Estados do RS e SP essa convergência entre IECLB e MTG, uma articulação entre regionalismo, posições e papéis eclesiais e eclesiais da e na IECLB que ajudam a compreender como questões relativas à feminilidade e masculinidade se dão dentro desta Igreja e alguns contextos brasileiros. O que, no que lhe concerne, ilumina algumas das formas pelas quais as mulheres vão conquistando e construindo seus espaços e maiores possibilidades de protagonismo dentro da IECLB.

Partindo da ideia de que as religiões estão constituídas pelos seus contextos históricos particulares e participam dos processos sociais, políticos e culturais de maneira intrinsecamente articulada<sup>18</sup>, neste artigo, ao tratarmos da relação entre mulheres e feminismo na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, buscamos demonstrar que o que se entende e se realiza como feminismo dentro da IECLB é algo que vem sendo construído, também, através de mobilizações, negociações e ressignificações de elementos presentes no processo histórico dentro do qual foi e vem se dando a presença de migrantes alemães e seus descendentes no Sul do Brasil e os vínculos, e relações que eles – e, subsequentemente, a própria comunidade religiosa –, tem e estabeleceram com o Tradicionalismo Gaúcho.

Segundo Dagmar Meyer, as articulações entre o pertencimento identitário gauchesco e o luteranismo de confissão, também chamada de religião teuto-brasileira pela autora, nos oferecem indícios de como as práticas tradicionalistas e regionalistas do gauchismo e as relações de gênero, classe e raça são fundadoras das matrizes culturais de feminilidade e masculinidade no Brasil<sup>19</sup>. Concordando com Meyer,

---

<sup>18</sup> ASAD, Talal. Construção da religião como uma categoria antropológica. **Cadernos de campo**. 19, 2010, p. 263-284.

<sup>19</sup> MEYER, Dagmar E. Estermann. Cultura Teuto-Brasileiro-Evangélica no Rio Grande do Sul: articulando gênero com raça, classe, nação e religião. **Educação e realidade**, v. 25, n. 1, 2000, p. 136,147.



consideramos que olhar e buscar compreender como isto se dá nos ajuda a entender melhor como vem sendo construído, por exemplo, o conceito de justiça de gênero pelo ministério de ordenação de mulheres da IECLB em diálogo com a Secretaria de Gênero da Federação Luterana Mundial. Conceito este que se encontra enraizado no idealismo alemão de horizonte cristão – que valoriza a justiça e é de caráter reformador. Mas, vem sendo desenvolvido de forma não separada do contexto socio-histórico-cultural dentro do qual este feminismo se dá. O que implica, por conseguinte, considerar que tradicionalismo gaúcho e cultura teuto-brasileira são elementos que fazem parte deste processo contextualizado e não homogêneo de construção de identificação cultural, reconhecimento e de culto às tradições europeias<sup>20</sup>.

Esta relação entre a IECLB e a cultura particular da região Sul do Brasil, dentro da qual o MTG tem muita visibilidade, nos ajuda a identificar um dos motivos pelos quais o protestantismo luterano de imigração no Brasil se constituiu como uma Igreja evangélica brasileira. Neste sentido, estamos considerando a sustentação simbólica, os sentidos e discursos deste universo cultural gauchesco no processo de constituição das identidades das comunidades colonizadoras europeias no Rio Grande do Sul, especificamente as de origem alemã. E, por consequência, daquilo que podemos identificar como particularidades do luteranismo no Sul do Brasil, na IECLB, por conseguinte, nas diferenciações de gênero e em como um (ou vários) ideários feministas se constitui nesta Igreja.

Nosso interesse pela questão das mulheres na IECLB deve-se, também, ao fato de que o dualismo de gênero é um aspecto que vem sendo, já a um tempo, problematizado no campo do saber teológico nesta Igreja. Mulheres líderes, teólogas e pastoras desta Igreja vem realizando isto através, por exemplo, da crítica ao androcentrismo institucional, ao patriarcado, às posições de gênero e ao reconhecimento às quais as mulheres estão restringidas em Igrejas cristãs<sup>21</sup>. Dando seguimento à nossa análise, nos tópicos a seguir discutiremos como a religião pode impactar o ideário feminista, desde o campo teológico feminista luterano. E, como já sinalizamos, também

---

<sup>20</sup> LUVIZOTTO, Caroline Kraus. **As tradições gaúchas e a sua racionalização na modernidade tardia**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010, p. 19, 32. SCHONARTH, Marcelline Cristine. Comunicação e dança: A construção da identidade étnica alemã através dos Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela. Anais do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, Guarapuava, 2008, p. 1, 2, 4.

<sup>21</sup> ROESE, Anete. Feminismo e religião: conquistas e desafios do século XXI. **Caderno Espaço Feminino**. Uberlândia-MG. v. 29, n. 1, jan.- jun., 2016, p. 17, 21, 22.

é parte de nosso interesse compreender como as mulheres da IECLB vem reposicionando e ressignificando seus lugares e condições de mulheres nesta instituição religiosa, agindo em um contexto e processo histórico que é o da colonização e descolonização europeia no Sul do Brasil.

## A ARENA POLÍTICA DO TRADICIONALISMO NO CONTEXTO DO LUTERANISMO DE IMIGRAÇÃO

A teoria pós-colonial em seu interesse emancipador e transformativo integra também ações e vínculos políticos não acadêmicos. Ina Kerner argumentando que a teoria pós-colonial pode ser interpretada como teoria crítica global contextualizada, primeiro enfatiza sua perspectiva global e sua postura crítica para todas as formas de eurocentrismo e ocidentalismo, assim como seu enfoque na história colonial com seus efeitos a longo prazo, inclui na sua agenda fenômenos mais locais e assuntos como racismo, eurocentrismo e desigualdade global “[...] en la medida en que se enfoca críticamente en la construcción, naturalización y jerarquización de las diferencias globales, respecto tanto de las estrategias discursivas como de los aspectos, elementos e implicaciones materiales e institucionales [...]”<sup>22</sup>. Segundo a autora, esses assuntos raramente são analisados pela teoria crítica que opera com o marco do nacionalismo metodológico<sup>23</sup>.

Neste sentido, a natureza específica e pós-colonial da autorreflexividade das teorias pós-coloniais nos levou a refletir criticamente sobre o espaço-tempo, desta forma, nossa investigação se faz desde uma perspectiva globalmente marginalizada e não globalmente poderosa. Nosso interesse é a crítica ao eurocentrismo e ao ocidentalismo global a partir da análise sobre as práticas de mulheres luteranas feministas e as teorias pós-coloniais contribuem para nossa reflexão, porque desafiam o exclusivismo normativo e as partes do mundo relativamente privilegiadas<sup>24</sup>.

<sup>22</sup> KERNER, Ina. La teoría postcolonial como teoría crítica global. **Devenires**: Revista de Filosofía y Filosofía de la Cultura. San Nicolás de Hidalgo, Año XVII, nº 34, 2016, p. 165.

<sup>23</sup> KERNER, Ina. 2016, p. 160, 165, 166, 168.

<sup>24</sup> Também veremos que no âmbito da religião, na prática, é impossível separar agência, serviços e força de trabalho da corporeidade. Segundo Carole Pateman, estudiosa do contrato social, no trabalho de criação das condições sociais para o desenvolvimento de uma feminilidade autônoma, o estatuto de igualdade deve ser aceito como uma “[...] expressão da liberdade das mulheres enquanto mulheres [...]” e não como um “sinal” de que as mulheres podem ser iguais aos homens. PATEMAN, Carole. **O contrato sexual**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993, p. 38-39.





Um aspecto importante a ser considerado é que as práticas do Movimento Tradicionalista Gaúcho estão imersas na cultura evangélica teuto-brasileira. Esta imersão é tão significativa que em diferentes atividades religiosas da IECLB ainda é possível observar a representação pública-religiosa de pastoras luteranas como prendas (o par feminino do gaúcho). Meyer, ao tratar da cultura teuto-evangélica no Sul do Brasil, analisou o gauchismo como um conjunto de representações pelas quais os grupos se identificam “[...] se tornou *natural* conectar a ela um conjunto específico de pessoas, práticas e instituições sociais.”<sup>25</sup>. É neste sentido que os marcadores sociais de nacionalidade, religião, raça e gênero formam os mecanismos pelos quais são construídas as representações gauchescas como um valor de identificação dentro dos grupos e diante dos outros brasileiros.

Considerando suas origens teuto-brasileiras, em comunidades luteranas surgidas a partir do Sul do Brasil, podemos observar negociações de pertencimentos identitários e ideológicos com o gauchismo e com as tradições culturais alemãs. Isto ocorre na realização de cultos, nos encontros de mulheres, festas e culinária, no âmbito cultural das atividades religiosas. Esta imbricação é um envolvimento mútuo, principalmente no contexto das comunidades religiosas do Sul. Durante observações no Congresso da OASE (Ordem Auxiliar de Senhoras Evangélicas, criada no seio das comunidades luteranas e presente na maioria das paróquias desta Igreja<sup>26</sup>), em 2019, ano em que se comemorou os 120 anos do grupo, reuniram-se cerca de quatro mil mulheres presentes<sup>27</sup>. O evento ocorreu na cidade de Blumenau, SC, e foi finalizado com um momento festivo, as mulheres puderam se caracterizar de prendas/ mulheres alemãs e comemorar o aniversário da OASE ao som de músicas sulistas, característico local<sup>28</sup>.

Além disso, havia, neste encontro, com duração de três dias, a instalação de uma mostra itinerante coordenada pela Fundação Luterana de Diaconia da IECLB chamada de “Nem tão doce lar”<sup>29</sup>. Essa mostra foi instalada logo na entrada do evento,

<sup>25</sup> MEYER, 2000, p. 137.

<sup>26</sup> A criação do primeiro grupo OASE foi realizada em Rio Claro, SP, em 1899. BAESKE, Sibyla. **Retalhos no tempo**: 100 anos da OASE. São Leopoldo: Sinodal, 1999, p. 19-35; Marcia; STRECK, Valburga Schmiedt. Questões de gênero e a Igreja evangélica de confissão luterana no Brasil – IECLB. **Estudos Teológicos**. São Leopoldo. v. 49 n. 2, 2009, p. 224.

<sup>27</sup> <https://www.luteranos.com.br/noticias/missao-mulheres/celebrai-com-jubilo-120-anos-de-oase-no-brasil-e-tema-de-palestra-no-segundo-dia-de-atividades-do-encontro-nacional>

<sup>28</sup> A rainha do evento *Oktoberfest* do ano estava presente no último dia, uma mulher jovem, alta, branca, cabelos claros, olhos claros, caracterizada com roupas e acessórios que remetem à tradição alemã e gaúcha.

<sup>29</sup> <https://fld.com.br/nem-tao-doce-lar/>



o que chamava atenção das mulheres presentes. A mostra viabilizava a difusão do enfrentamento da violência no ambiente familiar, representando contextos familiares que as pessoas brasileiras conseguem identificar a violência particularmente sofrida por mulheres. Os símbolos da violência doméstica foram atribuídos na composição de uma casa desarrumada, com objetos quebrados, utensílios domésticos jogados, para representar um espaço doméstico desprezado e agressivo.

O chamado culto campeiro<sup>30</sup>, por exemplo, usualmente é divulgado nas redes sociais com uma imagem composta por um homem montado no cavalo e a bandeira do Rio Grande do Sul. Este estilo de culto religioso ocorre também em espaços escolhidos, próximos da natureza e a pastora se veste de prenda. A prenda é o par complementar do gênero masculino. Sua indumentária gauchesca feminina é composta por vestido ou saia longa, algumas usam avental, arranjos no cabelo e decorações com flores e laços, estas por sua vez, estão mais próximas das representações da cultura de tradição alemã.

Em alguns contextos luteranos o gauchismo compreende uma concentração de símbolos e elementos ideológicos de um passado idílico e campestre que é idealizado, em sua maioria, pelos descendentes de imigrantes alemães e italianos<sup>31</sup>. Segundo tau Golin, “[...] a ideologia da ‘democracia gaúcha’ propõe uma interpretação do passado pela idealização da pretensa igualdade racial e social.”<sup>32</sup> Na sua origem, também é parte desta ideologia gauchesca, as ideias de nação e progresso, alinhadas com a ideia de evolução, mas sem perder a tradição<sup>33</sup>. Este tipo de alinhamento entre gauchismo e origem migratória alemã no Sul do Brasil contribui para a distinção de certas práticas dos luteranos em relação a outras pertencas religiosas cultivadas no país.

Segundo Tau Golin, no gauchismo o elemento da luta de classes, que está presente na sociedade brasileira, passa a ser tomado a partir da ideia de que “[...] exploradores e explorados defendem os mesmos princípios na compreensão de mundo [...]” e a sociedade é sempre vista em equilíbrio<sup>34</sup>. Ou seja, para Golin, o gauchismo,

<sup>30</sup> Neste momento é importante destacar que o culto campeiro não compõe uma liturgia oficial da IECLB, ele é realizado e planejado pelas próprias pessoas das comunidades luteranas, além disso, nem todas as igrejas luteranas brasileiras realizam este estilo de culto evangélico.

<sup>31</sup> O gauchismo não deve ser entendido como uma subcultura evangélica. Os elementos da ideologia gauchesca e de elementos da cultura alemã são vivenciados em situações pontuais na religião como uma forma efetiva de atender necessidades de manutenção de tradições e identidades originárias étnicas e religiosas, necessidades essas provenientes de algumas comunidades com marcados traços culturais e étnicos de origem europeia.

<sup>32</sup> GOLIN, Tau. **A ideologia do gauchismo**. Porto Alegre. Tchê, 1983, p. 14.

<sup>33</sup> GOLIN, 1983, p. 31, 32.

<sup>34</sup> GOLIN, 1983, p. 12



enquanto ideologia, busca eliminar os componentes do conflito e de situações e interesses distintos que caracterizam as diferenças entre classes sociais. Isto não implica, contudo, que os tradicionalistas gaúchos buscam congelar no tempo o próprio gauchismo. Desde o pós-Segunda Guerra os tradicionalistas vêm realizando intensas discussões, com o que eles entendem ser o desejo permanente de aperfeiçoar o movimento. Aperfeiçoar o movimento não significa, todavia, abandonar a tradição. Ao contrário. A manutenção da tradição é protegida no gauchismo<sup>35</sup>.

Este “fetichismo do passado” que parece ser um esforço dos grupos que se identificam com o gauchismo, principalmente por parte das lideranças do Movimento Tradicionalista Gaúcho, de inovar, mantendo a tradição<sup>36</sup>, corresponde a um desejo de preservar certo imaginário idílico sobre o passado, passado este que justificaria a manutenção das coisas como elas eram<sup>37</sup>. O MTG se constitui como um parâmetro cultural no Brasil que mantém latentes visões e relações de gênero desiguais, onde o lugar de destaque dado às mulheres na prática não elimina certas posições de sujeição em relação aos homens.

No gauchismo as mulheres ganham um “papel subalterno”, segundo Oliven, através da representação da figura da prenda, que na prática é uma forma de realocar a representação do feminino dentro de parâmetros pré-definidos, onde as mulheres são idealizadas<sup>38</sup>. Logo, recai sobre as mulheres as expectativas de que elas correspondam a essas idealizações. A prenda é, portanto, uma alegoria da mulher ideal feminina e o termo prenda remete-se a algo de valor e recompensa<sup>39</sup>.

Diferentes mercados de turismo inseridos no contexto da região Sul foram constituídos a partir da noção das tradições alemãs, suas arquiteturas e gauchismo. No luteranismo, a prenda aparece como uma oferta cultural da tradição étnico-religiosa no

---

<sup>35</sup> Aperfeiçoar é, por exemplo, atualizar o gauchismo em relação ao que é parte do tempo presente. Um exemplo é o uso das redes sociais na manutenção e propagação do movimento.

<sup>36</sup> No gauchismo, contudo, a preservação da tradição é uma constante. Inclusive quando se fala em aperfeiçoar e atualizar o movimento ao tempo presente. Desta forma, no gauchismo as inovações tendem a ocorrer sem que seja alterada a presença de parâmetros morais tradicionalistas. Parâmetros esses que, por exemplo, estão ligados a valores patrióticos e a concepções de relações tradicionais de gênero.

<sup>37</sup> GOLIN, 1983, p. 33-36.

<sup>38</sup> OLIVEN, 1992, p. 115.

<sup>39</sup> NEDEL, 2011, p. 213. De forma latente, fica a expectativa de que as mulheres, de maneira geral, devem corresponder a este modelo. Ressalta-se que este tipo de alegoria não ocorre apenas no contexto do Movimento Tradicionalista Gaúcho, mas também em outros contextos. São os casos do *Oktoberfest* em Blumenau, SC, que elege a “Rainha da Festa” e nas festas de peão de rodeio, como a de Barretos, em São Paulo, onde se elege a “Rainha do Rodeio”.

Brasil. Uma pastora luterana que performatiza a figura de prenda no contexto religioso, afirma e positiva uma representação do feminino ideal e, ainda, acomoda as relações tradicionais de gênero. Assim, algumas ministras e pessoas membras modelam o discurso na igreja e fez lembrar o formato e entonação das performances femininas dos concursos de prenda. Existe uma mistura de concepções e significados que revelam associações com a representação da prenda corporificada como sacerdotisa nos cultos gauchescos luteranos<sup>40</sup>.

O recurso chamado de submissão subversiva, por Lídia Mariano, pastora da Igreja Batista, é uma estratégia presente em outras igrejas e vertentes religiosas<sup>41</sup>. Nesses contextos, onde pastoras e líderes religiosas se posicionam como mulheres afetuosas, sem questionar a autoridade e a violência simbólica masculina androcêntrica, por este caminho, alçam posições de reconhecimento, empoderamento e respeito entre os homens da igreja. Segundo Mariano, “[...] se não gerarmos encantamento, não estamos sendo inteligentes [...]”, este é um tipo de ação estratégica que segundo a pastora tem sido negligenciada pelas feministas<sup>42</sup>. Esse recurso aparece no culto campeiro luterano, quando realizado por uma pastora “prendada” e pode ser compreendido como uma posição de poder, no contexto religioso, que encanta a comunidade, a qual também se identifica com o gauchismo, a ponto de persuadir, semelhante a estratégia citada por Mariano<sup>43</sup>. A estratégia presente no culto campeiro pode ser resumida em performar para convencer, promovendo uma mudança de modelos mentais de feminilidade e autoridade, para isso é preciso gerar encantamento<sup>44</sup>.

Também estamos querendo destacar o controle da capacidade procriativa das mulheres de perpetuação da naturalização ideológica dos privilégios de classe em relação aos símbolos nacionais e raciais<sup>45</sup>. Por isso, consideramos importante situar e localizar a particularidade destas tradições culturais e religiosas, constituídas por uma

---

<sup>40</sup> Os atos estão tão internalizados nas práticas locais, que eles acabam revelando interesses de investimento de identificação ao gauchismo imbricada a uma noção cristã para o Brasil que encanta os membros da Igreja.

<sup>41</sup> MARIANO, Lídia Dias. Subversivas e amorosas: feminismos protestantes e empoderamento. In: HOLANDA, Eloísa B. (Org.). **Explosão feminista: arte, cultura, política e universidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p. 435.

<sup>42</sup> MARIANO. 2018, p. 438.

<sup>43</sup> MARIANO, 2018, 436.

<sup>44</sup> Nesta composição, a IECLB representa a oferta de uma prenda, como uma dádiva à comunidade e que encanta as práticas religiosas e os sentimentos de pertencimento identitário e religioso da comunidade que a distingue de outras igrejas cristãs no Brasil.

<sup>45</sup> MOORE, Henrietta. Understanding sex and gender. In: INGOLD, Tim. **Companion Encyclopedia of Anthropology**. Londres: Routledge, 1997, p. 827.



composição étnica branca e evidenciar como esta matriz de masculinidade e feminilidade influenciou na construção de um pensamento social e uma cultura institucionalizada pelo Estado do Rio Grande do Sul. Nesse ponto, a religião dos imigrantes ofereceu uma consciência misturada com uma perspectiva política de sociedade, suas relações com o político criaram e conservaram tradições religiosas, imaginários e mitos. Segundo Lourenço Cardoso, a pessoa branca antirracista representa a branquitude crítica, mas mesmo contra o racismo, o lugar do branco antirracista é de privilégio e solidário com a branquitude nesse aspecto, como a sua conservação, “[...] mesmo quando na condição de pobreza – devido ao racismo estrutural.”<sup>46</sup>. A noção de uma superioridade racial originária da identidade racial branca inclina-se cotidianamente para a desconstrução das pessoas brancas antirracistas “[...] que vivem o conflito de, por um lado, pertencerem a um grupo opressor e, por outro lado, colocarem-se contra a opressão”<sup>47</sup>. Existe um investimento repetitivo nesse sentido, presente nos eventos gaúchos e na conservação das tradições das comunidades da IECLB que seguem caracterizando um viés da branquitude pela invisibilidade racial<sup>48</sup>.

Nesse caso, o privilégio da branquitude masculina e feminina com suas extensões culturais puderam ser localizados na história e nas práticas socioculturais na esfera religiosa luterana – como também assim ocorre no catolicismo regional brasileiro. São essas referências usadas pelas pessoas como parâmetro de pertencimento identitário e que foram historicamente realçados – contemporaneamente resgatados –, nos processos da formação da Igreja em uma região específica e particular do Brasil, o Sul. Conseqüentemente, as relações tradicionais de gênero, regionalmente fundadas em noções e pretensões civilizatórias – por meio de uma das características da conservação da branquitude que segundo Piza, é a “invisibilidade racial”<sup>49</sup> –, para a nação brasileira.

As relações transnacionais e associativismos com a Alemanha, intermediaram a construção de parâmetros religiosos das práticas luteranas evangélicas no Brasil. A

<sup>46</sup> CARDOSO, Lourenço. O branco “invisível”: um estudo sobre a emergência da branquitude nas pesquisas sobre as relações raciais no Brasil (Período: 1957-2007). (Dissertação de mestrado), Faculdade de Economia e Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, 2008, p. 614.

<sup>47</sup> CARDOSO, 2008, p. 623.

<sup>48</sup> PIZA, Edith. Porta de vidro: entrada para a branquitude. In: CARONE, I. & BENTO, M. A. da S. (Orgs.) **Psicologia Social do racismo**: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

<sup>49</sup> PIZA, 2002, p. 61-62.

realidade brasileira tem nos mostrado que a diferença sexual no sistema patriarcal político é imperativa e continua deixando as mulheres à margem das decisões políticas<sup>50</sup>.

## O ENFRENTAMENTO DAS MULHERES EM BUSCA DE JUSTIÇA DE GÊNERO NA IGREJA

A abertura para a inclusão dos trabalhos de mulheres na IECLB não ocorreu como uma ação de iniciativa da Igreja, é uma resposta aos benefícios que o trabalho de muitas mulheres e de suas extensas obras no trabalho na diaconia, nos ministérios e na OASE trouxeram contribuições para as igrejas e comunidades ao longo do tempo no país, como a arrecadação de dinheiro, assistência social, saúde e principalmente, a educação. Segundo Gabriele dos Anjos, a partir de 1970 o Conselho Mundial de Igrejas ensejou um processo de redefinição da representação feminina no qual, diferentes interesses das Igrejas cristãs estiveram em disputas<sup>51</sup>. A entrada das mulheres nos cargos eclesiásticos, é resultado da reivindicação e pressão das próprias mulheres no interior dessa Igreja e das disputas travadas no campo de saber teológico.

Os discursos das pastoras e lideranças contribuem para a valorização da mulher evangélica luterana para a nação brasileira, enaltecem os traços históricos de constituição das comunidades de migração, principalmente no Sul do Brasil e realçam as mulheres religiosas que vieram ao Brasil por meio do associativismo com a Alemanha, as chamadas *schwwestern* [irmãs] – enfermeiras parteiras que possuíam conhecimento obstétrico e formação em diaconia. Dessa forma, o aparecimento social dos corpos de mulheres luteranas com algum grau de autoridade religiosa, podem ser avistados desde a chegada das primeiras diaconisas alemãs, em 1913 para atenderem necessidades religiosas e de saúde das mulheres nas comunidades de imigrantes do Sul, particularmente, na realização dos partos. Com o passar dos anos as comunidades conseguiram alcançar outros patamares de organização institucional e oferta de serviços religiosos e para as mulheres na Igreja, através de associativismo com as organizações

---

<sup>50</sup> MATOS, Marlise. Mulheres e a violência política sexista: desafios à consolidação da democracia. In: BIROLI, Flávia (Orgs.) **Mulheres, poder e ciência política: debates e trajetórias**. Campinas: Editora da Unicamp, 2020, p. 111.

<sup>51</sup> ANJOS, Gabriele dos. Mulheres todas santas: participação de mulheres em organizações religiosas e definições de condição feminina em Igrejas cristãs no Rio Grande do Sul. (Tese de doutorado). Porto Alegre: FEE, 2009, p. 107.

de mulheres na Alemanha, na construção de uma Casa Matriz de Diaconia e na multiplicação das OASEs no Brasil.

No âmbito acadêmico da Faculdades EST<sup>52</sup>, RS, teólogas elaboram, discutem e difundem as teorias e teologias feministas das relações de gênero que contribuem para a análise histórica, institucional e teológica das representatividades e violências nos contextos sociais e religiosos<sup>53</sup>. Desta maneira, estamos frente a um grupo de mulheres cristãs de confessionalidade luterana – entre líderes, pastoras e teólogas –, que buscam compreender e projetar o sujeito/agente feminista, visando a inserção e incidência de um trabalho religioso atrelado a busca por direitos das mulheres no Brasil e na instituição religiosa, em face do sexismo hegemônico e das ofensas do antropocentrismo institucional e patriarcal cristão<sup>54</sup>.

As pastoras, interlocutoras da pesquisa<sup>55</sup> que deu origem a este artigo, representam uma feminilidade apoiada na igualdade – que é a base da democracia –, e na chamada justiça de gênero<sup>56</sup>. Observamos uma matriz cultural do feminino emaranhado no mosaico cultural rio-grandense e nas práticas tradicionalistas do gauchismo, a qual também é difundida nas comunidades luteranas e em outros estados e regiões do Brasil, também pelos Centros de Tradições Gaúchas (CTGs) e membros da Igreja, como citamos acima.

Também foram possíveis mudanças na condição das mulheres com a incidência do feminismo nas subjetividades envolvidas na formação teológica e no ministério

---

<sup>52</sup> <http://www.est.edu.br/>

<sup>53</sup> A Faculdades EST está localizada na cidade de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, Brasil e é bastante procurada para a formação em Teologia. É uma instituição de ensino vinculada à Rede Sinodal de Educação, financiada pela IECLB e pela sua Igreja irmã luterana da Suécia. No caso do ministério de ordenação luterana, as pessoas candidatas devem possuir formação de nível superior em Teologia e ser aprovada por uma prova de conhecimentos teológicos da vertente luterana. E então, as igrejas e paróquias poderão requisitar e contratar, dentre as pessoas candidatas ao serviço religioso local.

<sup>54</sup> Segundo as acadêmicas, o campo teologia feminista ampara a compreensão das dificuldades das comunidades religiosas e contribui para a defesa da ideia de liberdade de expressão de gênero no bojo dos direitos cidadãos pela diversidade.

<sup>55</sup> PIRES, 2023, p. 18.

<sup>56</sup> Uma Política de Justiça de Gênero foi elaborada em 2013 pela Federação Luterana Mundial (FLM) e estabelece globalmente uma chamada comunhão luterana de igrejas para que possam tomar medidas concretas de implementação da justiça de gênero, adaptando planos de ação a diferentes realidades contextuais. Dez anos depois, foi aprovada a Política de Justiça de Gênero no último Concílio da IECLB: <https://www.luteranos.com.br/conteudo/politica-de-justica-de-genero-na-ieclb>. Mary J. Streufert, diretora de Justiça para Mulheres na Igreja Evangélica Luterana na América, faz referência a chamada justiça de gênero feminista luterana contra o sexismo para que essa discussão entre no campo ecumênico. STREUFERT, Mary J. Justiça de Gênero Feminista Luterana. **Revista Coisas do Gênero**. v. 3, n. 2, 2017, p. 28.

ordenado de mulheres com a elaboração e difusão de um ideário feminista nesta esfera<sup>57</sup>. É um processo que tem no campo de saber teológico o lócus das disputas. Além disso, a IECLB tem uma história de relações e associações com suas igrejas irmãs, de forma muito presente, como é o caso da Igreja Sueca atualmente, o que dá fôlego para as disputas identitárias que ocorrem no Brasil, a partir dessa Igreja e que perpassam outros âmbitos das práticas culturais para a conservação de uma cultura regional.

As teólogas cristãs valeram-se da afirmação da categoria mulheres e da sua pluralidade no campo teológico e dos direitos, pela busca da igualdade em relação aos homens<sup>58</sup>. O que chama a atenção é a localização das mulheres teólogas nesta instituição religiosa, as quais construíram uma trajetória de conquista de autoridade na Igreja e no próprio curso de Teologia e que alimentam o ativismo de mulheres em outros âmbitos da sociedade. De acordo com os estudos de Ruthlid Brakemeier, Dionata Rodrigues de Oliveira e Josiane Velten<sup>59</sup> as mulheres são ordenadas a 1770 anos, no mínimo, entretanto, a maior visibilidade das mulheres na IECLB teve início em 1966, com Elisabeth Dietschi, primeira mulher a ingressar na formação em Teologia oferecida pela Faculdade de Teologia (FACTEOL), ordenando-se pastora em 1973, em Berlim, na Alemanha, pela Igreja Evangélica da União<sup>60</sup>. No Brasil, em 1976, Edna Moga Ramminger tornou-se a primeira ordenada na IECLB<sup>61</sup>. Em 1978, foi criado o Grupo de Mulheres na Faculdade de Teologia-EST, em São Leopoldo, servindo como um espaço de discussões, apoio e resistência às mulheres no processo da formação superior em Teologia<sup>62</sup>. O contexto da entrada de mulheres na hierarquia eclesiástica era o de alinhamento para políticas liberais democráticas e secularização da sociedade no

<sup>57</sup> As ações das mulheres organizadas nas comunidades religiosas, foi em algum aspecto, motivo da criação de outros grupos de mulheres além da OASE, como o caso do Fórum de Discussão da Mulher Luterana (FDML), onde se discutem questões mais ligadas ao feminismo da igualdade e a justiça de gênero.

<sup>58</sup> FURLIN, Neiva; TAMANINI, Marlene. A diferença como política de resistência e de ressignificação da subjetividade feminina em campos de saberes masculinos. **Revista Ciências Sociais Unisinos**. v.53, n. 2, 2017, p. 329.

<sup>59</sup> BRAKEMEIER, Ruthlid; OLIVEIRA, Dionata Rodrigues de; VELTEN, Josiane. Histórias e caminhos da ordenação de mulheres ao ministério diaconal. **Coisas do gênero: revista de estudos feministas em teologia e religião**, 8 (2), 2023, p. 41.

<sup>60</sup> SILVA, Josilene da. Mulheres no Púlpito: as pastoras luteranas e o pastorado (década de 1970 a 1990). (Dissertação de mestrado), Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, 2004, p. 39; FREIBERG, Maristela Lívia. **E assim entramos na roda!**: retratos do processo de formação e atuação das primeiras pastoras da IECLB, Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil - Rio de Janeiro, RJ: Metanoia, 2019, p. 102.

<sup>61</sup> FREIBERG, 2019, p. 103.

<sup>62</sup> BLASI; STRECK, 2017, p. 231.



Brasil<sup>63</sup>. Estudantes e teólogas seguiram enfrentando os silenciamentos históricos, participando dos processos de disputas e conquistas para a atuação das mulheres na teologia e no ministério com ordenação<sup>64</sup>. E, alcançaram representação na hierarquia eclesiástica, chegando assim, em 2018 a eleição de Sílvia Beatrice Genz, primeira mulher eleita ao cargo de presidente da IECLB.

Após a primeira fase de afirmação do ministério com ordenação de mulheres, a produção da teologia feminista luterana, construiu uma tendência marcada pelo feminismo da igualdade, difundindo uma visão mais holística da religião e ecofeminista, a partir de algumas teólogas, como por exemplo, Ivone Gebara, da vertente católica<sup>65</sup>. Uma das preocupações das teólogas femininas luteranas é fomentar uma “espiritualidade lúcida” e uma prática feminista engajada, assim interpreta Mary Streufert que afirma a estrutura patriarcal da Igreja, ídolos masculinos e o sexismo como impedimentos da chamada “vida abundante”<sup>66 67</sup>. Portanto, a categoria social mulheres na teologia feminista luterana é processualmente também interpretada por estes novos parâmetros de igualdade política entre os seus e os outros e representada nas narrativas culturais na religião e no campo de saber teológico<sup>68</sup>.

Nesta tentativa, o feminino também é afirmado pela sua diferença social, inclusive direcionando o trabalho feminino na Igreja e o interesse para o desenvolvimento humano das suas comunidades. As práticas regionais e culturais que são difundidas nos grupos das igrejas, regionalmente fundadas em noções e pretensões morais para a

<sup>63</sup> Podemos afirmar que a teologia feminista luterana ainda assume um compromisso marcadamente político, crítico e produtor de reformas para uma mudança social no horizonte cristão brasileiro, pois está atrelada a concepção de Igreja no tempo, “sempre em reforma”; compromete-se com o resgate das experiências e capacidades das mulheres dentro da perspectiva da justiça, empoderamento e liberdade de gênero.

<sup>64</sup> FERNANDES, Ligiane Taiza Muller. Mulheres e ordenação (na IECLB): novos modelos e outras possibilidades na vivência cotidiana do ministério ordenado. (Dissertação de mestrado), Programa de Pós-graduação em teologia, Faculdades EST, São Leopoldo, 2010, p. 31-32. A partir do Grupo de Mulheres e das sucessivas ordenações de mulheres, as luteranas vivenciaram mais autonomia nos espaços acadêmicos e conquistaram a inclusão da Cátedra de Teologia Feminista para o desenvolvimento da formação religiosa e profissional contínua em teologia feminista na instituição. Cátedra aprovada em 1990 pelo Curatório da EST e ocupada pela primeira vez em 1991, pela Pa. Dra. Wanda Deifelt. FREIBERG, 2019, p. 95-96.

<sup>65</sup> ROHDEN, 1996, p. 116; ROHDEN, 1997, p. 65.

<sup>66</sup> STREUFERT, 2017, p. 28.

<sup>67</sup> Neste percurso teológico, algumas reformas institucionais e governamentais entram na discussão, como a ecologia e economia sustentável.

<sup>68</sup> FURLIN, Neiva. A produção do feminino: representações de gênero no discurso da teologia católica tradicional. **Estudos de Sociologia**, Recife, 22, (2), 2016, p. 186,187; LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 122.

nação brasileira, legitimadas no Sul, prevalecem e acabam por retomar uma corporeidade feminina tradicional que se estabiliza no dualismo de gênero no discurso institucional e paroquial. Apesar disso, existe uma interpenetração das preocupações teóricas feministas e dos movimentos feministas nas ações das próprias luteranas com o uso institucional e prático da noção de justiça de gênero na Igreja, nas comunidades e no meio acadêmico. Podemos pensar inclusive com a proposta teórica feminista de Nancy Fraser, que discute justiça social com o implemento da redistribuição, representatividade e representação dos poderes econômicos e das identidades culturais: “[...] Já não restrita ao eixo da classe, a contestação abarca agora outros eixos de subordinação, incluindo a diferença sexual, a “raça”, a etnicidade, a sexualidade, a religião e a nacionalidade<sup>69</sup>.

Fraser, entretanto, alerta para o perigo desta reforma recair no paradigma de um “[...] culturalismo igualmente truncado [...]” ao economicismo<sup>70</sup>. Esta perspectiva dialoga com a proposta vigente de reforma institucional realizada pelas mulheres de confissão luterana por meio da Política de Justiça de Gênero, aprovada em 2014 na Fundação Luterana de Diaconia (FLD)<sup>71</sup>, que busca “[...] dar visibilidade ao seu compromisso com a construção de relações sociais justas, marcadas pela reflexão política, diaconal e teológica feminista [...]”<sup>72</sup>

A importância da formação intelectual das mulheres é um fator que as evangélicas de confessionalidade luterana no Brasil construíram no processo histórico de uma Igreja inicialmente constituída em base étnica, por meio dos seus laços associativos com a Alemanha, comunitários de cuidado e educação em escala territorial via formação intelectual/profissional/confessional por meio de um movimento de progressão democrática de construção de lideranças de mulheres plurais<sup>73</sup>.

As mulheres de confissão luterana e teólogas feministas estão produzindo uma reconfiguração do reconhecimento das mulheres no cristianismo e da representatividade

---

<sup>69</sup> FRASER, Nancy. **A justiça social na globalização: Redistribuição, reconhecimento e participação.** Revista Crítica de Ciências Sociais, 63, 2002, p. 9.

<sup>70</sup> FRASER, 2002, p. 9.

<sup>71</sup> <https://fld.com.br/>

<sup>72</sup> Fundação Luterana de Diaconia, **Política de Justiça de Gênero.** Porto Alegre, 2014, p. 13. <https://fld.com.br/wp-content/uploads/2019/06/Poli%CC%81tica-de-Justic%CC%A7a-de-Ge%CC%82nero.pdf>

<sup>73</sup> Nesse processo, as mulheres moveram-se com auxílio e organizadas, em maior número, pela OASE e no Fórum de Discussão da Mulher Luterana (FDML) de forma significativa, no que tange às discussões sobre violência contra a mulher, sororidade e outras questões presentes na cultura feminista.



feminina no luteranismo está em curso e reflete ações contra a corrente atual da política brasileira<sup>74</sup>. Esta produção teológica feminista possui uma tendência marcada pelo feminismo da igualdade que se faz na diferença, interseccional, difundindo uma visão mais holística da religião e ecofeminista<sup>75</sup>.

## COMO A RELIGIÃO PODE IMPACTAR O IDEÁRIO FEMINISTA

Lideranças, teólogas e mulheres localizadas na hierarquia eclesiástica da IECLB, discutem e difundem o ideário feminista. Com esta especificidade, os feminismos são difundidos, elaborados e discutidos por meios evangelizadores. Em contrapartida, na conjuntura atual brasileira, em que há fortes reações conservadoras ao paradigma de gênero, surgem concepções de místicas religiosas e crenças diversas que implica ao feminismo um abrandamento da sua radicalidade política e democrática, no âmbito pessoal e coletivo.

Nesse contexto, o campo da teologia feminista, mantém a sua atuação no sentido de provocar mudanças nas percepções patriarcais cristãs. Isto está sendo feito dentro de uma visão mais ampla que considera a considera como um campo teológico recente e ainda pouco difundido nas religiões de destaque<sup>76</sup>.

O impacto da atuação de uma teologia feminista pode ser observado durante o trabalho etnográfico – numa via de mão dupla – nas lideranças situadas no ministério de ordenação e teólogas, compartilham da luta que ocorre na sociedade e estão afinadas com as pautas feministas<sup>77</sup>. Isso pode ser observado em eventos produzidos pelo

<sup>74</sup> STREUFERT, 2017, p. 28; STRÖHER, Marga J. A história de uma história: o protagonismo das mulheres na Teologia Feminista. **História Unisinos**, 9 (2), 2005, p. 119; BLASI, Marcia; STRECK, Valburga Schmiedt, 2009, p. 224, 239.

<sup>75</sup> DEIFELT, Wanda. Temas e metodologias da Teologia Feminista. In: SOTER (org.), **Gênero e Teologia: Interpelações e perspectivas**. São Paulo/Belo Horizonte, Paulinas/Loyola, Soter, 2004, p. 185. Nesse percurso, valorizam o trabalho das mulheres na Igreja e seu interesse para o desenvolvimento humano e de suas comunidades. Não que isso seja um ponto final de projeto feminista acabado, entretanto, como vimos, algumas práticas regionais e culturais que são difundidas nos grupos da igreja acabam ainda resgatando e estabilizando o dualismo do sistema sexo/gênero.

<sup>76</sup> No Brasil, segundo Rohden (1997, p. 55), a teologia produzida por mulheres católicas teve início em 1985 e continua assimilando e intercambiando com a teologia feminina ou teologia na ótica da mulher, sendo o objetivo central, a interpretação hermenêutica dos textos bíblicos, reencenar antigas tensões presentes no evangelho, como a igualdade e diferença.

<sup>77</sup> PIRES, Joyce Aparecida. “Nunca é feminista o suficiente”: mulheres e feminismos na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. (Tese de doutorado). Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais. Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, 2023, p. 124.



Programa de Pós-graduação em Gênero e Religião<sup>78</sup>, da Faculdades EST, que sensibilizam, afetam e produzem envolvimento crítico das pessoas, principalmente entre as e os estudantes que começam a conhecer a história do grupo de mulheres que fazem teologia na IECLB.

Por este caminho, o grupo de teólogas e teólogos feministas da IECLB vão mostrando uma demanda por justiça de gênero e se assumem enquanto atores políticos a partir da linguagem inclusiva de gênero e de justiça social<sup>79</sup>. Há de se destacar que o não rompimento com a Igreja é uma pretensão desde os primórdios da reforma liderada por Lutero. Um não rompimento que enfrenta o fato de que no âmbito cristão quase sempre movimentos feministas e religião são vistos como realidades opostas<sup>80</sup>.

Os anos da década de 1970 impactaram o luteranismo brasileiro. No campo da teologia, a vertente da teologia da libertação viabilizou as discussões e trabalhos com inserção nas comunidades na segunda metade da década na Faculdade de Teologia de São Leopoldo, destaca Paul Freston e, em seguida, começaram a surgir Comunidades de Bases Luteranas<sup>81</sup>. Essas reações também foram realizadas através dos impulsos internacionais. A IECLB contou com o apoio e a influência da Federação Luterana Mundial (FLM) e do Conselho Mundial de Igrejas (CONIC) que a mesma ajudou a criar. E esta é uma situação que parece ainda continuar. Isto se vê através da relação de proximidade com suas Igrejas irmãs da Europa, especialmente a Igreja Sueca. Nesta conjuntura, a IECLB tem se destacado pelo seu ministério inclusivo para mulheres e no pioneirismo nos estudos teológicos e feministas, além disso, consideramos como aponta Freston, que ainda é uma Igreja que conserva “lealdade” as suas tradições étnicas de origem<sup>82</sup>.

---

<sup>78</sup> <http://www.est.edu.br/conheca-a-est/programa-de-genero-e-religiao/>

<sup>79</sup> O caso das mulheres feministas luteranas estaria se desenvolvendo em oposição a tendência reativa presente nos processos de juridificação da moral católica, isso porque, segundo Biroli, Vaggione e Machado (2020), a hierarquia católica e setores aliados estão agindo pela juridificação reativa “[...] em defesa de uma ordem social e moral que consideram ameaçada [...]” (VAGGIONE, 2020, p. 49), como por exemplo, no caso da legalização do aborto, do casamento homossexual, da identidade de gênero e de outras manifestações que estão no interior do paradigma dos direitos sexuais e reprodutivos.

<sup>80</sup> Apesar desta visão, e atentas a não buscar uma ruptura, as e os teólogos feministas envolvidos com a formação de mulheres no ensino superior e com a posterior atuação no ministério ordenado da IECLB, mantém uma perspectiva de atenção às questões de dominação patriarcal, violência de gênero na sociedade e na Igreja, e no campo de disputa das narrativas bíblicas, assim como de enfrentamento no âmbito institucional.

<sup>81</sup> FRESTON, 1998, p. 67-68.

<sup>82</sup> FRESTON, 1998, p. 72.



No surgimento desta teologia feminista foram aglutinadas experiências acumuladas durante o século e décadas passadas<sup>83</sup>. Os estudos de Ströher e Furlin atestam que a formação de mulheres em Teologia e por conseguinte, as teologias feministas marcam a histórica hegemonia patriarcal masculina constituída no campo de saber teológico e se define como um saber construído às “margens”<sup>84</sup>. As teólogas feministas, neste sentido, agem contra as formas intensas do poder hegemônico patriarcal estabelecido no campo religioso e eclesiástico brasileiro<sup>85</sup>.

Em um sentido mais amplo essa teologia feminista entende que a comunidade eclesial, não dispõe de um poder no mesmo sentido que o poder político, mas agrupa cidadãos que repartem com o conjunto mais amplo da sociedade e do Estado a responsabilidade comum da cidadania. É desta forma que vemos no contexto religioso da IECLB e das tradições sulistas brasileiras a imbricação de um passado colonial idealizado entre o religioso e as estruturas de poder interseccionais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A religião pode influir sobre a vida em geral e sobre o imaginário particular, como sistema de doutrina ou organização cultural, assim como se constitui no Sul do Brasil: como organizadora tanto das necessidades das comunidades, quanto centralizadoras da fé cristã de evangélicos do protestantismo histórico alemão. E como vimos, estes são grupos que se constituem pela diferença regional e, nesse sentido, o Brasil em relação aos gaúchos<sup>86</sup>. Com enfrentamentos e contradições, portanto, ainda latentes, embora não homogêneas.

Desse modo, o que ocorre entre as elaborações teológicas feministas, as discussões e a difusão nas comunidades, é que o discurso recai sobre a diferenciação cultural, nesse caso, ao mesmo tempo viabiliza as particularidades libertárias das

---

<sup>83</sup> BLASI; STRECK, 2017, p. 231; STRÖHER, 2005, 117, 118, 123. A teóloga feminista luterana Claudete Beise Ulrich apresenta discute a valorização da educação de meninas em escolas comunitárias luteranas como uma significativa contribuição. ULRICH, Claudete Beise. Recuperando espaços de emancipação na história de vida de ex-alunas de escola comunitária luterana. (Tese de doutorado). Pós-Graduação em Teologia, Faculdades EST, São Leopoldo, 2006, p. 19, 30, 356, 359.

<sup>84</sup> STRÖHER, 2005, 119, 121, 122; FURLIN, Neiva. Teologia feminista: uma voz que emerge nas margens do discurso teológico hegemônico. **Revista Rever**. Ano 11, n. 01, jan-jun, 2011, pp. 140; FURLIN, 2016, p. 190, 191.

<sup>85</sup> Uma importante expressão de valorização das mulheres evangélicas desta denominação é o trabalho feito em “mutirão” que indica a significativa presença e atuação delas para com as comunidades de imigrantes, seu desenvolvimento ao passar do tempo e conservação dos seus costumes.

<sup>86</sup> OLIVEN, 1992, p. 10.

experiências das mulheres e das figuras históricas do contexto da Reforma, pensadas com conceitos do presente, como “coragem, ousadia e empoderamento”<sup>87</sup>.

Ainda que a instituição acolha os ecos transnacionais dos movimentos feministas como um todo, e mesmo que a afirmação da categoria mulher nos espaços acadêmicos e teológicos seja uma estratégia política para a justiça social, produzem igualdade entre homens e mulheres nos contextos gauchescos? As mulheres nas religiões da América Latina continuam assumindo as tarefas de cuidado e serviços para o conjunto do desenvolvimento pessoal e de suas comunidades. Frente a sociedade, a IECLB pode ser considerada como uma Igreja que busca estar aberta “[...] para incluir pessoas de origens diferentes, de jeitos diferentes, de cores diferentes [...]”, capacitar as pessoas membras e “acolher”, como diz a pastora-presidente Sílvia Beatrice Genz<sup>88</sup>. Mas os gêneros reconhecidos para o exercício eclesial permanecem garantindo o aparecimento de corpos constituídos por uma matriz cultural de masculinidade e feminilidade específica, como demonstramos com relação ao contexto cultural estudado nesse artigo.

Consideramos que estas particularidades de ser Igreja no Brasil e as dificuldades de se tornar mais democrática no âmbito eclesial, tem relação com as formas culturais históricas das próprias comunidades de fé. Nesse caso analisado, as comunidades de fé apoiadas no tradicionalismo sulista. E que nos mostra que problemas, como raça e gênero, estão imbricados e estruturando as reformas religiosas. O caso analisado também demonstra que o trabalho intelectual das mulheres feministas e lideranças luteranas, está em processo e é heterogêneo, apresenta fundamentos e práticas culturais investidas em determinados contextos e possibilidades feministas contra hegemônicas entre os cristãos.

---

<sup>87</sup> Catarina de Bora [1499-1552], ex-freira católica e esposa de Martinho Lutero [1483-1546] é imaginada como uma mulher do século XVI e, ao mesmo tempo, carrega símbolos e atributos que indicam posicionamento de libertação social das mulheres, capazes de motivá-las a serem ousadas, corajosas e empoderadas do movimento da Reforma. As teólogas feministas luteranas Claudete Beise Ulrich e Heloisa Gralow buscaram no diálogo de Paulo Freire com Ira Shor o sentido de mudança social para o termo empoderamento no contexto do movimento das mulheres pela Reforma na contemporaneidade. ULRICH, Claudete Beise; DALFERTH, Heloisa Gralow. Katharina Von Bora: Uma Mulher Forte, Corajosa e Empoderada do Movimento da Reforma, do Século XVI. **REFLEXUS**, Ano XI, n. 17, 2017, 38, 39, 58, 40. FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor**. 5ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986, p. 136.

<sup>88</sup> Para Sílvia Genz capacitar as pessoas na fé cristã, batizar e valorizar “[...] ‘o sacerdócio geral de todas as pessoas que creem’, significa: são chamadas por Deus! [...] ser sacerdote e ser sacerdotisa é fazer parte [...] deste grupo que Deus escolheu [...] a comunidade é a nossa família de fé, onde nós nos capacitamos para sermos sacerdotes e sacerdotisas onde estivermos [...]”.

<https://www.youtube.com/live/jHiN-IDOMWY?si=o6Fz7ADmHKitN0L1>



## REFERÊNCIAS

ANJOS, Gabriele dos. Mulheres todas santas: participação de mulheres em organizações religiosas e definições de condição feminina em Igrejas cristãs no Rio Grande do Sul. (Tese de doutorado). Porto Alegre: FEE, 2009.

ASAD, Talal. Construção da religião como uma categoria antropológica. **Cadernos de campo**. 19, 2010, p. 263-284.

BLASI, Marcia; STRECK, Valburga Schmiedt. Questões de gênero e a Igreja evangélica de confissão luterana no Brasil – IECLB. **Estudos Teológicos**. São Leopoldo. v. 49 n. 2, 2009, p. 222-240.

BRAKEMEIER, Ruthild. **Um ramo na videira**: a Casa Matriz de Diaconisas. São Leopoldo/RS: Sinodal, 2019.

CARDOSO, Lourenço. O branco “invisível”: um estudo sobre a emergência da branquitude nas pesquisas sobre as relações raciais no Brasil (Período: 1957-2007). (Dissertação de mestrado), Faculdade de Economia e Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, 2008.

DEIFELT, Wanda. Temas e metodologias da Teologia Feminista. In: SOTER (org.), **Gênero e Teologia**: Interpelações e perspectivas. São Paulo/Belo Horizonte, Paulinas/Loyola, Soter, p. 171-186, 2004.

FERNANDES, Ligiane Taiza Muller. Mulheres e ordenação (na IECLB): novos modelos e outras possibilidades na vivência cotidiana do ministério ordenado. (Dissertação de mestrado), Programa de Pós-graduação em teologia, Faculdades EST, São Leopoldo, 2010.

FRASER, Nancy. **A justiça social na globalização**: Redistribuição, reconhecimento e participação. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 63, p. 7-20, 2002.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e ousadia**: o cotidiano do professor. 5ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FRESTON, Paul. Protestantes e política no Brasil: da Constituinte ao Impeachment. (Tese de doutorado), Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade de Campinas, 1993.

FRESTON, Paul. Dilemas de naturalização do protestantismo étnico: a igreja luterana no Brasil. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis v.16 n. 24, p. 61- 73, out, 1998.

FUNDAÇÃO LUTERANA DE DIACONIA. **Política de Justiça de Gênero**. Porto Alegre, 2014.

FURLIN, Neiva. Teologia feminista: uma voz que emerge nas margens do discurso teológico hegemônico. **Revista Rever**. Ano 11, n. 01, jan-jun, 2011, pp. 139-164.

FURLIN, Neiva. A produção do feminino: representações de gênero no discurso da teologia católica tradicional. **Estudos de Sociologia**, Recife, 22, (2), 2016, p. 145-196.

FURLIN, Neiva; TAMANINI, Marlene. A diferença como política de resistência e de ressignificação da subjetividade feminina em campos de saberes masculinos. **Revista Ciências Sociais Unisinos**. v.53, n. 2, 2017, p. 325-338.

GOLIN, Luiz Carlos. **A ideologia do gauchismo**. Porto Alegre, Tchê, 1993.

JACKS, Nilda. **Mídia Nativa: indústria cultural e cultura regional**. 3 ed. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

KERNER, Ina. La teoría postcolonial como teoría crítica global. **Devenires: Revista de Filosofía y Filosofía de la Cultura**. San Nicolás de Hidalgo, Año XVII, nº 34, 2016, p. 157-185.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 122.

LUVIZOTTO, Caroline Kraus. **As tradições gaúchas e a sua racionalização na modernidade tardia**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

MARIANO, Lídia Dias. Subversivas e amorosas: feminismos protestantes e empoderamento. In: HOLANDA, Eloísa B. (Org.). **Explosão feminista: arte, cultura, política e universidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

MATOS, Marlise. Mulheres e a violência política sexista: desafios à consolidação da democracia. In: **Mulheres, Poder e Ciência Política**. BIROLI, Flávia (org.). Editora UNICAMP, 2020.

MEYER, Dagmar E. Estermann. Cultura Teuto-Brasileiro-Evangélica no Rio Grande do Sul: articulando gênero com raça, classe, nação e religião. **Educação e realidade**, v. 25, n. 1, 2000.

MOORE, Henrietta. Understanding sex and gender. In: INGOLD, Tim. **Companion Encyclopedia of Anthropology**. Londres: Routledge, 1997, pp. 813-830.

OLIVEIRA, Dionata Rodrigues. As contribuições da coordenação de diaconia para o desenvolvimento da práxis diaconal da igreja evangélica de confissão luterana no Brasil: seminários nacionais e publicações. (Dissertação de mestrado), Programa de Pós-graduação em Teologia, Faculdades EST, São Leopoldo, 2020.

OLIVEN, George Ruben. **A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-Nação**. Petrópolis: Vozes, 1992.

PATEMAN, Carole. **O contrato sexual**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993, p. 38-39.





PIRES, Joyce Aparecida. “Nunca é feminista o suficiente”: mulheres e feminismos na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. (Tese de doutorado). Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais. Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, 2023.

PIZA, Edith. Porta de vidro: entrada para a branquitude. In: CARONE, I. & BENTO, M. A. da S. (Orgs.) **Psicologia Social do racismo**: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

PHILIPPSEN, Rosane. As origens do fórum de reflexão da mulher luterana e relações de poder entre mulheres da IECLB. **Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST**. São Leopoldo: EST, v. 3, 2016.

ROESE, Anete. Feminismo e religião: conquistas e desafios do século XXI. **Caderno Espaço Feminino**. Uberlândia-MG. v. 29, n. 1, jan.- jun., 2016.

ROHDEN, Fabíola. Feminismo do sagrado: uma reencenação romântica da diferença. **Estudos feministas**, 1996, p. 96-117.

ROHDEN, Fabíola. Catolicismo e protestantismo: o feminismo como uma questão emergente. **Cadernos pagu** (8/9), 1997, p. 51-97.

SCHONARTH, Marceli Cristine. Comunicação e dança: A construção da identidade étnica alemã através dos Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela. Anais do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, Guarapuava, 2008.

STRÖHER, Marga J. A história de uma história: o protagonismo das mulheres na Teologia Feminista. **História Unisinos**, 9 (2), 2005, p. 116-123.

STREUFERT, Mary J. Justiça de Gênero Feminista Luterana. **Revista Coisas do Gênero**. v. 3, n. 2, 2017, p. 25-29.

ULRICH, Claudete Beise. Recuperando espaços de emancipação na história de vida de ex-alunas de escola comunitária luterana. (Tese de doutorado). Pós-Graduação em Teologia, Faculdades EST, São Leopoldo, 2006.

ULRICH, Claudete Beise; DALFERTH, Heloisa Gralow. Katharina Von Bora: Uma Mulher Forte, Corajosa e Empoderada do Movimento da Reforma, do Século XVI. **REFLEXUS**, Ano XI, n. 17, 2017.

ZILBERMAN, Regina. **Literatura gaúcha**. Porto Alegre: LP&M, 1985.

**Recebido em:** 02 out. 2023.

**Aceito em:** 23 jan. 2024.